

As fronteiras entre história e literatura na narrativa de Leandro Tocantins sobre a exploração científica do rio Purus

ALEXANDRE PACHECO*

A lendária expedição que Euclides da Cunha fez à Amazônia, poetizando as paisagens pelas quais passou entre os anos de 1904 e 1905, é narrada por Leandro Tocantins. Nesse procedimento discursivo, torna-se relevante analisar quais são os limites entre a descrição do homem Euclides – sujeito empírico que, em condições precárias, enfrentou os mais difíceis obstáculos para subir o vale do Rio Purus - e a apropriação que Tocantins fez dessa subjetividade.

Em *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, livro publicado em 1967, Leandro Tocantins descreve a trajetória de Euclides da Cunha para chegar às cabeceiras do rio Purus, enfrentando as mais adversas situações impostas por um rio totalmente desfavorável à navegação nos meses que representam sua vazante. Sendo Euclides um homem de letras, sem preparo específico para tal empreitada e a viagem transcorrendo em um espaço hostil, custa a acreditar que o sujeito descrito corresponda diretamente ao sujeito empírico.

Apesar de os documentos revelarem um Euclides amazônico mais viril que o Euclides de *Os Sertões*, certos atos de fala foram decisivos para a construção de um sentido mais épico e romântico para a figura do homem e do escritor fluminense no livro de Leandro Tocantins.¹ Evidencia-se, pois, uma flutuação na identificação de Euclides ora como um escritor-herói, ora como homem em luta contra uma natureza trágica e em estado bruto, sobretudo na Amazônia Ocidental.

A imaginação construtiva de Leandro Tocantins se apropriou das ações de Euclides à frente da expedição de reconhecimento do Alto Purus, no que elas implicitamente conteriam em termos de uma representação simbólica épica-romanesca, a fim de informar e dar a elas sentido histórico.² Tocantins já revelara pendores a encarar certos romances como se fossem verdadeiros épicos não só a partir da leitura de *Os Sertões*, como também a partir da leitura

* Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista e Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia.

¹ A conversão do real para sua explicação a partir de modelos instauradores de significações sobre ele - mas que ao mesmo tempo são submergidos por esse mesmo real - é passível de ocorrer graças à utilização dos sentidos que por intermédio da imaginação constroem atos de fala que procurem definir de maneira compreensível “[...] coisas e humanos, na medida em que para elas o dado se faça entender.” (PINTO, RODRIGUES, 2010: 4).

² Hayden White afirma em seu livro *Trópicos do discurso* “[...] que os historiadores fornecem explicações plausíveis para corpos de testemunhos históricos quanto conseguem descobrir a estória ou o conjunto de estórias contidas implicitamente dentro delas.” (WHITE, 1994: 100).

de obras como a *Bagaceira*, de José Américo de Almeida, que considerava ser “[...] um ensaio épico e literário primo-irmão de *Os Sertões*.” (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 15).

Para confeccionar a obra *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, o escritor paraense fez uso de uma gama de documentos sobre a expedição de Euclides da Cunha ao alto Purus, encontrados no Arquivo Histórico do Itamarati quando Tocantins realizava pesquisa para o livro *Formação Histórica do Acre*. Tal documentação constituía-se, sobretudo, por “[...] cartas e ofícios de Euclides da Cunha ao Barão do Rio Branco, e o relatório reservado, escrito de Manaus, após regresso do escritor da expedição ao Alto Purus, assim como a troca de correspondência entre os comissários brasileiros e peruanos.” (TOCANTINS, 1992: 18).

Mais do que um historiador competente, vemos um Leandro Tocantins que tentou encontrar em Euclides da Cunha uma razão para o encontro com a própria paisagem amazônica da qual ele, Tocantins, fez parte.

Essa concepção que se traduziu em uma reconfiguração romântica de Euclides da Cunha na Amazônia, relacionou-se diretamente com a influência que a escrita dele exerceu sobre Tocantins, em sua adolescência - à época em que cursava o ginásio no Instituto Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, Tocantins fez a leitura de *Os Sertões* e *À Margem da História*³ e se apaixonou pela obra do escritor fluminense. (TOCANTINS, 1992: 14).

Em 1967, quando escreveu o prólogo de *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, Tocantins revelou que seu encanto relacionava-se com o estilo da escrita de Euclides, capaz de criar imagens que o faziam reviver a infância no Território do Acre: “[...] meu sentimento regional fora tocado pela beleza e fidelidade do estilo de Euclides. Muitas das cenas descritas em *À Margem da História* são o pano de fundo de minha infância no território Acre.” (TOCANTINS, 1992: 15).

Ademais, essa mobilização da memória do adolescente para a infância, alimentou as disposições de Tocantins em se apropriar de um Euclides mais amazônico a servir de exemplo de intelectual que teria muito a ensinar a quem esteve à frente do processo de intervenção modernizadora da Amazônia, nos anos de 1960. Neste sentido, a partir do

³ A partir do lançamento de *Os sertões* Euclides foi eleito para a Academia Brasileira de Letras no ano de 1903. Nesse mesmo ano também foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1904 partiu para a Amazônia liderando a Comissão de Reconhecimento do Alto Purus. Essa experiência que durou entre os anos de 1904 e 1905, inspirou a concepção de uma nova obra que jamais iria concluir: “Um Paraíso Perdido”. Em 1908 concluiu seu livro *À margem da história* contendo vários escritos importantes sobre a Amazônia. (CUNHA, 2006: 223 - 232).

memorável inventário que realizou da viagem da Comissão Mista Brasileira Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, entre os anos de 1904 e 1905⁴, se apropriou do que acreditou ser um Euclides menos influenciado por autores estrangeiros, a partir da forma como ele teria se encontrado com sua verdadeira personalidade diante da natureza amazônica. Personalidade que, servindo-se de sua própria intuição e experiência intelectual adquirida, quase sempre acerta o prognóstico acerca da Amazônia, já que para Tocantins, sua “[...] tendência inata de aproximação com a natureza conduziu-o à observação experimental: muito mais na Amazônia do que nos sertões baianos.” (TOCANTINS, 1992: 14).

Conforme aludido anteriormente, interessa demarcar os limites da narrativa de Leandro Tocantins no que ela tem de literário e de histórico no que diz respeito aos eventos ocorridos na trajetória da Comissão Mista de Reconhecimento do Alto Purus.⁵ Assim é que Tocantins, ao longo da obra *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido* - em capítulos como “O Belo e o Arrojado Ideal”, “A Espera”, “O duelo com o rio”, “A batalha obscura” - estabeleceu um diálogo com a escrita e com a personalidade do homem Euclides, totalmente representativo de sua cumplicidade literária com o autor fluminense. Cumplicidade que foi necessária para a construção de uma imagem positiva de Euclides, mesmo quando este realizou afirmações que não se mostraram favoráveis à tendência do escritor paraense em apresentá-lo como um “herói amazônico”.

Tal fato observa-se quando Tocantins revela um Euclides decepcionado nos primeiros contatos com a Amazônia, no que diz respeito à paisagem estética: “[...] em todo inferior a um sem-número de outros lugares de nosso País. Toda a Amazônia, sob esse aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Munduba”. (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 44 - 45). Apesar da força de tal enunciado, Tocantins afirma que o autor fluminense também considerou a Amazônia como sendo “[...] o maior quadro da terra”. (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 45).

⁴⁴ Euclides da Cunha gozando de fama e prestígio, após a publicação de *Os Sertões*, foi convidado pelo Super Chanceler do Itamaraty à época, o eminente Barão do Rio Branco, para chefiar a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. Comissão que partiu para a Amazônia em 1904 e teve a missão de realizar as demarcações da fronteira entre o Brasil e o Peru, país que havia sido excluído das negociações sobre limites efetivadas entre o Brasil e a Bolívia através do Tratado de Petrópolis, em 1903. (TOCANTINS, 1992).

⁵ Para João Cezar de Castro Rocha, o discurso literário pode ser definido como “[...] uma região discursiva caracterizada pelo fato de pôr em parênteses o caráter pragmático de certos atos de fala.” (ROCHA, 1997: 35). Em nosso caso poderíamos falar sobre o caráter pragmático de certos atos de fala pertencentes ao modo romântico de Tocantins ter descrito a trajetória de Euclides da Cunha na Amazônia.

Outro exemplo desse funcionamento discursivo corresponde à defesa que Tocantins realizou do escritor de *Os Sertões*, sobre afirmações por ele feitas sobre a Amazônia e a ciência, consideradas posteriormente como superadas:

Euclides não dispunha de estudos completos (como hoje, lato senso, ainda não se dispõe) sobre a geologia da Amazônia e incorreu em generalização comum à época: a de que a região formava uma unidade geológica, fato que teria correspondência nas observações de quem só a percorreu através dos grandes rios, cujas margens guardam esse aspecto tão bem descrito pelo autor de À Margem da História. Aspectos da chamada planície de inundação (quaternária). Além dos horizontes visuais de Euclides e das exposições dos cientistas, seus contemporâneos, existe a terra firme, constituída de terrenos terciários, também chamada de platô baixo. Assim “a paisagem morfológica da Amazônia não é monotonamente igual em toda a sua extensão, como a princípio se divulgou”. (TOCANTINS, 1992: 50).

Mas a cumplicidade com as posições de Euclides para a construção e legitimação de suas imagens sobre a Amazônia e da própria importância dele para a divulgação de um Brasil amazônico, é reiterada quando Tocantins descreve a chegada do escritor fluminense à Manaus da *Belle époque*. Tocantins, como um admirador, contornou o mau humor do escritor de *Os Sertões*, expresso por palavras nada elogiosas à configuração da cidade, definida por ele como [...] “ruidosa, ampla, mal arranjada”, e de clima quente e úmido que só o aborrecia (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 51), afirmando que a simpatia do escritor fluminense por tudo o que é Brasil ameniza a impressão do clima:

“Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolitismo desta Manaus, onde em cada esquina range o português emperrado ou rosna rispidamente o inglês e canta o italiano – a nossa gente ainda os suplanta com as suas belas qualidades nativas do coração – e, certo, uma das minhas impressões de sulista está no perceber que o Brasil ainda chega até a cá”. (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 51)

E como o escritor fluminense continuou a não poupar a capital dos seringueiros, Tocantins, tocado por uma espécie de nacionalismo regional, teve que deixar a posição de admirador e enfrentar o escritor provindo de terras sulistas, afirmando que nem “[...] o urbanismo inteligente, a atmosfera brilhante, a amplidão das vias públicas da Manaus moderníssima permitem gozar alguns momentos de alegria, ou arrancarem de si numa palavra elogiosa.” (TOCANTINS, 1992: 54.).

Para Tocantins, entretanto, não havia

[...] nenhum despreço à cidade na atitude de Euclides. O seu espírito era avesso às artificialidades, ao mundano, aos aspectos triviais da civilização. Os sertões – sejam o do Nordeste ou o da Amazônia – correspondem à sua atitude mental. Falavam à sua alma de poeta, de poeta mais épico – e viril – do que lírico. (TOCANTINS, 1992: 53).

Assim, não foi à toa que Tocantins procurou valorizar no prólogo ao seu *Euclides da*

Cunha e o Paraíso Perdido, os aspectos da personalidade do escritor fluminense que desprezaram os escritores que se voltaram mais para a Europa que ao próprio Brasil. Sendo que a anotação do escritor paraense sobre a personalidade de Euclides foi mais longe quando elogiou a atitude de rebeldia dele diante da vida militar. Tal atitude, para Tocantins, constituiu-se como reveladora de inclinações de um espírito simbolicamente não ajustado a um Brasil em que as elites encontravam-se afastadas das coisas brasileiras. Tudo isso para demonstrar como o próprio homem Euclides, em termos de corpo e alma, já se preparava para credenciar-se, num estranho processo de simbiose, como um verdadeiro mártir da natureza e das paisagens dos sertões nordestinos e amazônicos. (TOCANTINS, 1992: 28).

Para Tocantins, a representação da Amazônia não se prestaria a escritores almofadinhas. Assim, Tocantins descreve novamente um Euclides viril, o qual supera as dificuldades de ordem burocrática para que a expedição formada pelas lanchas de n. 4 e Cunha Gomes, ambas da Marinha Nacional, pudesse seguir de Manaus para a foz do rio Purus e daí para suas cabeceiras. Um Euclides quase épico que impõe ordem e disciplina desde o começo da viagem, a partir do tipo de organização de secretaria e diário de bordo, nos cuidados sanitários, na condução e ajustes dos equipamentos técnicos, na ordenação de circulares, nas medidas de higiene e terapêutica a partir das exigências de um médico presente na expedição. (TOCANTINS, 1992: 68-69).

Acompanhando a expedição liderada pelo escritor brasileiro, havia a Comissão peruana dirigida pelo Capitão de Corveta, Pedro Alexandre Buenaño. Ambas se dirigiram para a boca do rio Purus, às 6 horas do dia 8 de abril. (TOCANTINS, 1992: 67 - 68 - 70).

Esse foi um agravante a expedição, pois, além dos atrasos burocráticos, Euclides havia tido problemas com os atrasos dos peruanos que compartilhariam a Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, os quais, muitas vezes, demonstraram não possuir pressa - atitude que para Tocantins revelava a representação da hostilidade com que o Governo peruano conduzia o problema das fronteiras, já que havia tempo em que procurava estimular a ocupação do Alto Purus e Alto Juruá por caucheiros e comerciantes peruanos. (TOCANTINS, 1992: 55-56).

Tocantins então mostra um Euclides nacionalista, desconfiado das manobras dos peruanos no Purus e no Juruá. E para valorizar esse sentimento de Euclides, quase o coloca como um visionário em relação às dificuldades que o governo peruano imporia ao Brasil,

mesmo após o término dos trabalhos da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, em 1905.

Euclides, uma corda sensível, sempre tensa, estava alerta. Suas desconfianças tinham em parte procedência: os fatos diplomáticos ulteriores, relativos às longas e árduas negociações entre o Peru e Brasil, haviam de confirmá-las. O governo peruano atrasou até 1909 a assinatura do tratado que pôs fim às desavenças de fronteiras entre as duas nações irmãs. (TOCANTINS, 1992: 56).

De forma que em carta ao Barão do Rio Branco, Euclides deixa claro que se “[...] fosse governo “[...] trataria de garantir as três largas brechas do Javari, do Juruá e do Purus, por onde deslizarão, um dia, ao som das águas, as suas frotas velozes de lanchas e de canoas”. (TOCANTINS, 1992: 56).

Mas apesar das apreensões com os peruanos, Euclides procurava manter certa cordialidade com o chefe da missão dos peruanos, D. Pedro Buenaño. As dificuldades naturais eram por si bastante grandes - a partida de Manaus, em abril de 1905, deu-se em condições não favoráveis, já que a essa época do ano (período em que o clima se encaminha para o fim do inverno amazônico), os rios se encontram em plena vazante, expondo por isso obstáculos naturais à segurança dos barcos.

A 5 de abril de 1905, Euclides da Cunha partiu de Manaus. Estava, agora, “a dois passos do deserto”, levando uma “carta de prego para o Desconhecido”, como dizia em carta a Edgar Jordão. A época da viagem não era mais propícia. Em abril, os altos rios na Amazônia se encontram em plena vazante, oferecendo obstáculos que, a cada passo, ameaçam a segurança e a integridade dos barcos. Corredeiras nos “salões, paus, baixios, toda uma escala de dificuldades a vencer, que exigem perícia dos pilotos e paciência para sulcar, em ritmo lento, esses cursos torturados. (TOCANTINS, 1992: 67).

Uma vez que as expedições formadas pelos barcos das duas nacionalidades haviam alcançado a boca do rio Purus, a viagem até a foz do rio Acre foi realizada em um mês, de forma que até o encontro desse rio com o Purus, havia água suficiente para a navegação dos barcos que compunham a flotilha brasileira e peruana. Daí para frente, entretanto, as águas passaram a diminuir cada vez que a expedição adentrava o rio Purus até suas cabeceiras.

Segundo Tocantins

Do acre para a montante, não só aumentaram os cuidados e as vigílias na navegação, mas se abriu, verdadeiramente, a perspectiva para o trabalho das duas comissões, uma vez que o Purus até ali estava bem estudado. Por precaução, as jornadas noturnas foram suspensas, “dado os perigos de subida, em virtude dos paus que começavam a repontar em maior número à flor das águas”. Para obter melhores resultados nos levantamentos geográficos, a lancha peruana Cahuapanas e a brasileira de n. 4 navegavam acopladas, presas por cordas, enquanto a Cunha Gomes e o batelão Manuel Urbano, a reboque, seguiam-nas, a pequena distância. Os dois comissários-chefes, empunhando aparelhamento técnico, levantavam as latitudes e longitudes do Purus. (TOCANTINS, 1992: 72).

Quando a expedição mista alcançou a confluência do rio Chandless, Euclides considerou ter entrado finalmente no deserto amazônico, pois a partir daí rareavam cada vez mais a presença de pequenos núcleos. (TOCANTINS, 1992: 72).

Euclides constantemente informava ao Barão do Rio Branco sobre as condições e descobertas de sua viagem, não só do que diz respeito a Manaus, mas sobre toda a trajetória de subida do rio Purus. É um Euclides ambíguo diante da natureza que é demonstrado por um Tocantins um pouco decepcionado, já que Euclides não mostra empolgação com a natureza amazônica à medida que adentra cada vez mais o deserto.

O escritor sente o peso da solidão do deserto verde. E talvez, ele que tanto desejara esse contato reage instintivamente contra a natureza que, embora digna de admiração, era por demais dominadora e brutal. Isto se encontra patente em certo trecho da entrevista de Euclides ao Jornal do Comércio de Manaus, ao regressar do Purus: “Realmente, para o engenheiro, num reconhecimento, a rocha, a flor, o animal surpreendido numa volta de caminho, um recanto da floresta, um pedaço de rio enovelado em corredeira ou desatado em estirões, e as mesmas estrelas que ele prende por um instante nas malhas restículos, tudo que se lhe agita em roda deve impressioná-lo e interessá-lo, mas não o prende, não o manietta e não o renova”. (TOCANTINS, 1992: 72).

Um imprevisto, entretanto, tomou conta da viagem quando a expedição rumava para a foz do rio Chandless: o naufrágio do batelão Manuel Urbano rebocado pela lancha Cunha Gomes, deixando a expedição brasileira em desvantagem em relação aos peruanos (TOCANTINS, 1992: 74).

Anteriormente ao naufrágio da Cunha Gomes ocorrera uma dissensão entre D. Pedro Buenaño, o chefe da expedição peruana, e Euclides da Cunha, pois o oficial havia confirmado o que lhe vinha sendo informado desde Manaus em relação à escravidão de compatriotas seus. Escravidão que ocorreria em propriedades brasileiras ao longo do rio Purus. Situação que o peruano considerava como “[...] ‘um retrocesso a los tiempos primitivos’ e de todo ‘censurado’. [...]” (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 75).

Tocantins, neste momento, descreveu um Euclides incomodado com o que poderia ser essa tragédia vivida pelos peruanos nos seringais do rio Purus (TOCANTINS, 1992: 75). O escritor fluminense deixou o homem de ciência falar mais alto, já que os seus pendores nacionalistas não poderiam cegar o seu encontro com a realidade e com o que seria eticamente justo para o ser humano. Ou seja, Tocantins procurou descrever um Euclides, que acima de tudo, entendeu haver um entredimento das relações humanas que deveria estar acima de qualquer nacionalismo.

É interessante perceber como Tocantins conseguiu historiar, nos anos de 1960, uma

manifestação do espírito do escritor fluminense que iria muito além das classificações tradicionais que vêem nele influências marcantes do positivismo de Comte, do nacionalismo advindo dessa influência ou mesmo, de um evolucionismo de Darwin ou Spencer, demonstrando historicamente como Euclides realmente teria tido na Amazônia “[...] um encontro com sua verdadeira personalidade [...]”. (TOCANTINS, 1992: 14).

Euclides então manda investigar em um seringal, denominado *Liberdade*, a veracidade da denúncia, que, entretanto, não se confirma através de uma carta redigida por seus proprietários. (TOCANTINS, 1992: 76).

Apesar do naufrágio do batelão Manuel Urbano, que privou a expedição brasileira de provisões importantes, Euclides avança e alcança a boca do rio Chandless, de onde o escritor redige uma carta para o Barão do Rio Branco comunicando o fatídico naufrágio. A partir da foz do rio Chandless as dificuldades para a navegação aumentaram e os membros da comissão liderada por Euclides tiveram que viajar em canoas feitas de itaúba, sendo que mesmo assim não estavam imunes de se chocarem contra paus, galhos e encalharem em baixios (TOCANTINS, 1992: 81).

Nesta fase da viagem, a medida que a expedição avançava e o aparato técnico aferia as coordenadas geográficas e a trajetória hidrográfica, de acordo com Tocantins, Euclides admirava cada vez mais o trabalho de William Chandless, viajante inglês que havia explorado o Purus e que havia fixado de forma esplendida vários fenômenos daquele rio. Fato que havia ocorrido em 1864, quando só existiam tribos indígenas na região (TOCANTINS, 1992: 81).

E se em algum lugar assenta bem a frase de Euclides – ‘a última página do Gênesis’ -, é nos sertões do Alto Purus, em 1864. A natureza ainda parecia molhada pelas últimas tintas da criação. É só um homem civilizado, Manuel Urbano, havia, em 1861, chegado próximo à foz do Curanja, cerca de 2800 quilômetros de distância da embocadura do Purus. (TOCANTINS, 1992: 81).

Na continuação dessa fase da viagem que se tornou ainda mais morosa a partir da foz rio Chandless, mais um incidente entre Euclides da Cunha e o chefe da Comissão peruana ocorreu. Os peruanos foram informados de que compatriotas seus haviam sido assassinados e enterrados em um sítio denominado *Funil*, durante disputas com brasileiros extratores de borracha e peruanos extratores de caucho, em 1904. Essa informação fez com que o chefe da expedição peruana ordenasse a inscrição nos túmulos de seus compatriotas indicando que

eles haviam sido fuzilados por “bandoleiros brasileiros”. Fato que muito contrariou Euclides da Cunha e o fez acreditar que os peruanos se portavam como “irreconciliáveis inimigos”. (TOCANTINS, 1992: 84).

O próprio Barão do Rio Branco, em telegrama a Euclides, reagiu a essa acusação peruana afirmando que eles também haviam fuzilado brasileiros, em uma localidade chamada Cataí ou possivelmente em Curanja, em 1904 (TOCANTINS, 1992: 85).

Tocantins, neste episódio, descreve um Euclides que ao colocar os objetivos da Comissão acima de tudo, pesa e repesa suas atitudes e palavras diante dessa afronta do Chefe da Comissão peruana.

A partir da chegada a *Novo Lugar*, em 3 de junho de 1905 e a Cataí em 21 de junho, Euclides da Cunha, segundo Tocantins, possuía o seguinte plano de viagem revelado por carta que enviou daí para o Barão do Rio Branco:

Cheguei a este ponto com uma boa viagem de 9 a 10 milhas por dia, desde a confluência do Chandless. Demorei-me hoje para dar algum descanso à tripulação e amanhã prosseguiremos para Curanja, onde pretendo chegar no dia 26. Caso não apareçam empecilhos sérios, no dia 10 de julho estarei na forquilha do Cujar e do Curiuja e por todo o mês de agosto de volta para Manaus. (Cunha. apud TOCANTINS, 1992: 86-87).

Essa mensagem, apesar de indicar o levantamento hidrográfico desde a foz do Chandless, não revelava, de acordo com Tocantins, questões relacionadas aos pequenos conflitos com os peruanos e as privações pelas quais estavam passando desde o afundamento do batelão Manuel Urbano, no dia 21 de maio de 1905, próximo à boca de Chandless, alcançada em 22 de maio de 1905 (TOCANTINS, 1992: 73-77).

Privações de suprimentos sem perspectiva de serem satisfeitas a partir da divisão que Euclides foi obrigado a realizar da expedição, ficando uma parte dela estacionada em *São Braz* para realizar o salvamento do Batelão Manuel Urbano, próxima à boca do rio Chandless, sendo que a outra parte continuou a subir o rio Purus. Deste ponto também foi enviado um emissário a Manaus para levantar recursos financeiros junto ao Ministério do Exterior para a compra de gêneros que deveriam substituir os que haviam sido perdidos no afundamento do batelão. (TOCANTINS, 1992: 76).

Euclides ao chegar a Cataí, em 21 de junho de 1905, encontrava-se com fortes acessos de febre polineurítica, mas mesmo assim seguiu viagem para não baixar o moral da gente que o acompanhava. No dia 23 de junho, a expedição continuava a prosseguir, agora, porém, com apenas nove pessoas, considerando o próprio Euclides e o engenheiro auxiliar, devido a

rebeldia de cinco praças que foram desligados em virtude de insubordinação. A 28 de junho, a expedição chega até a aldeia de Curanja (TOCANTINS, 1992: 86 - 87 - 88).

Em Curanja, Euclides encontra-se em terra de estrangeiros. Desde a foz do Rio Chandless, o recurso às canoas fez com que seus homens chegassem exaustos, com os pés machucados e sangrando devido ao contato com as areias dos sucessivos bancos oriundos da severa vazante do Purus.

Os gêneros eram escassos: talvez acabassem em menos de dois meses. As embarcações iam se tornando impróprias ao rio, ressentido de seu elemento essencial. Pesadas e lerdas, elas venciam penosamente os bancos de areia e os “paus que atravancavam o rio desde Novo Destino (...) arrumando-se em cerrados aleatórios mal facultando estreitíssimos canais à travessia.” (TOCANTINS, 1992: 88).

Em Curanja, foi oferecido um banquete por Carlos Sharf, um potentado local para o chefe da expedição peruana e a Euclides. Tomado por um nacionalismo amazônico, Tocantins descreve essa recepção como isenta de civilidade por parte dos peruanos pelo fato de só existirem bandeiras peruanas no barracão onde foi oferecido o banquete. Constrangido, Euclides se safa dessa situação ao saldar os convivas afirmando terem sido muito cordiais ao enfeitarem o ambiente com palmeiras que, em verdade, era como se ali representassem a bandeira da pátria brasileira (TOCANTINS, 1992: 89-90).

De Curanja, Euclides escreve novamente para o Barão para informar que a expedição levaria ainda 25 dias para atingir a *Forquilha Purus* e

[...] muito mais para a exploração do Cujar e do Curiuja. Realmente, a subida se nos afigura inçada de tropeços. O Purus, grandemente diminuído depois de perder o Curanja (o Curumanhã da carta de Chandless), tem o leito crivado de madeiros e galhadas que lhe dificultam todos os trechos.” (TOCANTINS, 1992: 91).

Euclides parte de Curanja a 5 de julho de 1905, para o que chamou de trecho mais misterioso que a expedição iria percorrer. Trecho em que ouvira falar que as condições de navegação do rio Purus se tornavam quase impossíveis, de forma que o único tipo de embarcação a ser utilizado seriam as ubás mais rápidas dos caucheiros. Além do que teriam de enfrentar os obstáculos representados pelas “[...] cachoeiras, no leito, e grandes tremedais às margens dos rios esgotados, e cumulando tais empeços, ao cabo, o antagonismo formidável dos campos destemerosos.” (TOCANTINS, 1992: 92-93).

Assim, ao saber que teria que enfrentar várias dificuldades, inclusive os ferozes índios *campa*, muitos em condições semi-civilizadas e armados de rifles, terror dos próprios caucheiros das regiões a montante de Curanja, Euclides acreditava só poder chegar à *Forquilha do Purus* em 25 dias.

Aqui precisamos fazer um parêntese.

Ao contrário do homem e do escritor quase destemido de Tocantins, que apesar dos perigos representados por esses ferozes índios resolveu enfrentá-los, Francisco Foot Hardman, em seu livro *A Vingança da Hiléia*, nos mostra um Euclides assombrado diante do que poderia ter sido justamente a visão de um indígena da etnia *campá*. Isso, ao ter realizado uma visita a uma tapera de uma antiga propriedade senhoril abandonada por um caucheiro, em uma de suas descidas para exploração das terras às margens do Alto Purus.

Piro, amahuaca ou campá, não se lhe distingue a origem. Os próprios traços da espécie humana, transmudava-lhos a aparência repulsiva: um tronco desconforme, inchado pelo impaludismo, tomando-lhe a figura toda, em pleno contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhiças como as de um feto monstruoso.

[...] Esta cousa indefinível que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurava menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores – respondeu-nos às perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço, estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma coisa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso: “Amigos”. (Cunha. apud HARDMAN, 2009: 45-46).

Uma surpresa, porém, se apresentou no trecho da viagem em que os expedicionários rumavam à *Forquilha*: “[...] A navegação se não melhorou, também não piorou. O Purus parecia não ter perdido um afluente do porte do Curanja. Pouco variava na largura, na mesma profundidade, embora tendo, inexplicavelmente, uma velocidade maior.” (Cunha. apud TOCANTINS, 1992: 93).

Dessa forma, a travessia que Euclides havia calculado em 25 dias fora feita em 13 dias até a *Forquilha do Purus*, onde as duas frações da expedição estacionaram e foram recepcionadas pelo poderoso potentado local, Carlos Sharf, em um posto denominado *Alerta*. Outros incidentes envolvendo Euclides e o Chefe da expedição peruana novamente aconteceram, no trajeto até a *Forquilha*, devido ao fato de Euclides se adiantar e muitas vezes descer em comunidades peruanas antes que D. Buenaño estivesse no local. Ato que foi tomado pelo militar peruano como uma falta de respeito (TOCANTINS, 1992: 94-95).

Uma vez que os expedicionários se encontravam na localidade denominada *Alerta* e tinham diante deles o desdobramento dos rios Cujar e Curiuja, Euclides da Cunha ao obter informações sobre as condições de navegação, sobre os perigos representados por ataques de índios, diante da escassez de gêneros de sua expedição e enfraquecido pela febre que o havia acometido, pensou em retroceder.

No Cujar, onde existia o varadouro de preferência dos andarilhos entre o Purus e o

Ucaiale, mais paus no leito do rio, mais bancos de areia, e setenta e cinco cachoeiras. No Curiuja, os mesmos obstáculos. E os *infieles*, atacando em emboscadas mortais? O cadáver de uma amahuaca, barranco perto da Forquilha, “trucidada pelos bárbaros”, era um aviso, “uma ameaça permanente e surda. (TOCANTINS, 1992: 98-99).

Tocantins descreveu, neste momento, um Euclides vivenciando a figura de um herói quase no momento de sua queda, de seu fracasso em transcender a experiência que iniciou no mundo amazônico e libertar-se dele.⁶ Um herói que enfraquecido, também passou a ser espicaçado pelo chefe da expedição peruana, que percebendo suas fragilidades, proferiu a seguinte frase: “[...] yo paso, lo garanto, usted no pasa. [...]” (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 100-101). Vale lembrar que D. Buenaño contava com o triplo do pessoal, gêneros e embarcações menores e mais ágeis para as condições daqueles rios (TOCANTINS, 1992: 100-101). A despeito disso, Euclides reuniu forças e, apesar do sentimento de derrota, ordenou que a expedição seguisse para o rio Cujar, tendo que racionar ainda mais os seus víveres e enfrentar as péssimas condições impostas pelos bancos de areia na trajetória deste rio.

A derrota seguia pelo rio Cujar, galho ocidental do Purus. E depararam com “um novo, aparentemente desvalioso”, na vegetação característica do Cujar, “orlada de buquititas, leguminosa admiravelmente artística, cujos ramos destendidos horizontalmente e repousando sobre as águas tomavam em largos tratos os trechos de melhor acesso”. O rio distendido em estirões, “alargando às vezes de maneira desproporcionada as suas águas dificultosas e traiçoeiras por longos e continuados bancos de areia, unindo de uma a outra margem sem o mais estreito canal que evitasse o pesado serviço do arrastamento das canoas, tão difícil que eu mesmo tive de saltar para auxiliar os trabalhadores naquela penosíssima tarefa. (TOCANTINS, 1992: 101).

Quando chegou o dia 30 de julho de 1905, as duas comissões atingiram o que Euclides chamou de a “[...] última das divisões dicotômicas tão características do Purus” (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 102). Ali, de acordo com Tocantins, um grande desânimo tomou conta de Euclides e dos brasileiros, devido ao quase esgotamento físico de toda a expedição, fruto do enfrentamento da natureza hostil, da falta de provisões e embarcações adequadas, o acometimento de doenças e a falta de solidariedade dos peruanos. Euclides então, naquele ponto longínquo da Amazônia, considerou a empresa perdida.

Neste momento, Tocantins exalta dentro de sua narrativa épica sobre a trajetória do

⁶ Segundo Hayden White o modo romanesco de enredo se constitui como “[...] um drama de auto-identificação simbolizado pela aptidão do herói para transcender o mundo da experiência, vencê-lo e libertar-se dele no final – o tipo de drama associado à lenda do Graal ou à estória da ressurreição de Cristo na mitologia cristã. É um drama do triunfo do bem sobre o mal, da virtude sobre o vício, da luz sobre a treva, e da transcendência última do homem sobre o mundo em que foi aprisionado pela Queda. [...]”. (WHITE, 2008: 24).

escritor fluminense na Amazônia, o próprio romanciar de Euclides sobre essa sua trágica situação diante da foz do rio Cavalcini, em conferência intitulada *Castro Alves e seu tempo* - realizada anos após ter regressado da Amazônia.

“Ao chegar naquela tarde à foz do Cavalcini, considerei a empresa perdida. Palavras soltas, irreprimível desânimo, e até apóstrofes mal contidas, de desesperados, fizeram-me compreender que ao outro dia só haveria um movimento, o da volta vertiginosa, rolando pelos estirões e cachoeiras que tanto nos custaram vencer, acabando-se os nossos esforços numa fuga.

“Os meus bravos companheiros rendiam-se aos reveses. Atravessei, em claro, a noite.

“Na manhã seguinte procurei-os na tentativa impossível de os convencer de mais um sacrifício.

“Acocoravam-se à roda de uma fogueira meio extinta; e receberam-me sem se levantarem, com a imunidade de seu próprio infortúnio.

“Dois tiritavam de febre.

“Falei-lhes. A honra, o dever, a pátria e outras magníficas palavras, ressoaram longamente, monotonamente.

“Inúteis. Permaneceram impassíveis.

“Quedei-me, inerte, em uma tristeza exasperada.

“E como aumentá-la, notei, dali mesmo, voltando-me para a direita, que os peruanos se apresentavam à partida.

“Desarmavam-se as barracas; reconduziam-se para as ubás ligeiras os fardos retirados na véspera. Em pouco, os remos e as tanganas compridas, alteadas pelos remeiros, físgavam vivamente os ares...

“E atravessando pelos grupos agitados, um sargento – passo grave e solene, como se estivesse em praça pública à frente de uma formatura – cortou perpendicularmente a praia em rumo à canoa do chefe, tendo ao braço direito, perfilada, a bandeira peruana, que deveria içar-se à popa da embarcação.

“De fato, em chegando, hasteou-a. Passava um sudoeste rijo. O belo pavilhão vermelho e branco desenrolou-se logo, todo estirado, ruflando...

“Acudiu-me a idéia de apontar aquele contraste aos companheiros abatidos. Mas ao voltar-me não os reconheci. Todos de pé. A simples imagem do estandarte estrangeiro, erguido triunfal, como a desafiá-los, galvanizara-os. Num lance, sem uma ordem, precipitaram-se os aprestos da partida. Em segundos, a nossa bandeira, que jazia enrolada em terra, aprumou-se por seu turno em uma das canoas, patenteando-nos aos olhos.

“As promessas divinas da esperança!

“E partimos, retravando, desesperadamente, o duelo formidável com o deserto...”
(Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 103-104).

De acordo com Pinto e Rodrigues (2010: 3 - 4), a escrita em forma de romance pode se constituir em uma forma especial de por em prática avaliações sobre as sociedades - tão eficaz quanto às realizadas pela escrita acadêmica. Assim, os discursos romanescos no interior das análises sobre o social, ao manifestarem “[...] boas narrativas são, na verdade, peças de metonímia muito bem desenhadas, a partir das quais se pode revelar uma análise social profunda das pessoas e extrair características valorativas de sociedades complexas.”

Mas até que ponto a imagem da bandeira peruana fez com que o que poderíamos chamar de um idealismo à moda de Hegel, tivesse reiterado no espírito daqueles homens,

uma razão nacionalista impulsionadora do movimento histórico daquela expedição diante do que Euclides denominou de desafio do estandarte peruano?

Passado esse momento de dificuldade diante da foz do rio Cavalgini, que foi relatado através de uma carga sentimental profunda por parte do escritor fluminense na conferência intitulada *Castro Alves e seu tempo*, Tocantins revela que Euclides da Cunha, neste episódio, requisitou ao Chefe da Expedição peruana, D. Buenaño, a cessão de duas ubás mais apropriadas para a navegação do Cavalgini quase esgotado. O chefe peruano hesitou, mas acabou por ceder as embarcações para Euclides. Antes, porém, havia novamente insinuado que Euclides e seus homens não estavam preparados para subir aquele rio (TOCANTINS, 1992: 105).

Neste ponto, pode-se questionar se não teriam tido mais efeito para a continuação da trajetória da expedição a cessão das tais ubás por parte de D. Buenaño, que o intenso sentimento e a razão nacionalista dos brasileiros, já que tais sentimentos e razão não estavam acompanhados do instrumental adequado para a continuação da subida do Cavalgini. Em verdade, teria Euclides percebido que a saída do impasse para a subida do Cavalgini estava justamente na aquisição por ele das ubás pertencentes aos peruanos? Não há como responder com certeza absoluta.

De acordo com Pinto e Rodrigues (2010: 4), diante da consciência dos sujeitos em relação ao mundo, em que a compreensão das formas como o real se apresenta nunca são elucidadas, uma das vantagens da narrativa romanceada seria a de “[...] tornar aquilo que pode ser naquilo que é”.

Apesar da cessão das ubás, Euclides se ressentiu com a total ausência de solidariedade do pessoal peruano, que os contemplavam sem sequer estenderem uma mão que os pudesse auxiliar naquele esforço quase sobre humano para que se pudesse vencer o Cavalgini (TOCANTINS, 1992: 105).

Após toda a sorte de dificuldades, os expedicionários chegaram a mais meridional das nascentes do Purus, o ribeirão Pucani. Nascente que foi alcançada em 3 de agosto de 1905, de forma que os brasileiros encontravam-se em vantagem, a despeito de D Buenaño ter afirmado que Euclides não conseguiria transpor os obstáculos do Cavalgini. De acordo com o *Diário da Marcha*, Euclides juntamente com seus auxiliares, no dia 3 de agosto de 1905, explorou brevemente vários caminhos ao longo do ribeirão Pucani, muitas vezes feitos para se evitar o

enfrentamento que os poços do rio impunham à navegação. Nesta marcha, às três horas, alcançaram o varadouro⁷ que ligava o rio Purus ao rio Ucaiale e que havia sido criado por caucheiros, servindo para a realização de comércio entre as duas bacias. (TOCANTINS, 1992: 105-106).

A visão que Euclides teve do varadouro em questão, além de descrever um cenário típico da região, teve o efeito de se constituir como o prelúdio da visão talvez mais triunfal que o escritor de *Os Sertões* teve daquelas paragens. Ou seja, o momento mais apoteótico de toda a trajetória da Comissão, desde que saiu de Manaus, em abril de 1905.

[...]“*Extremavam-no quatro tambos de paxiúba, onde se acolhem os viajantes e se guardam as mercadorias. Em roda, por todos os lados, latas vazias de conservas, garrafas, e um velha ferragem espalhada delatam a escala forçada dos que por ali passam e um tráfego relativamente grande. O varadouro, largo de um metro abre-se adiante, para o sul. Empina logo em ladeira e, mui suavemente, em três pequenos socalcos, para o vale do Ucaiale. Em alguns minutos estávamos no seu ponto culminante, em não conseguimos, absolutamente, observar o aneróide.* (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 106-107).

Esse ponto culminante revelou que as cabeceiras do Purus foram pela primeira vez abertas à ciência geográfica de uma forma espetacular, e isso ocorreu não pelas mãos dos castelhanos, mas por Euclides da Cunha, que apesar de esgotado extasiou-se diante da grandiosidade da paisagem. Tudo isso, ao mesmo tempo em que foi visto por Tocantins como verdadeiro representante de uma nacionalidade que se antecipara a outra nacionalidade (a dos peruanos), devido ao seu espírito sempre voltado para o futuro.

“*O sol descia para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da terra; e naquela dilatação maravilhosa de horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e trancando-os inteiramente – ao sul, ao norte, ao leste – foi a imagem arrebatadora de nossa pátria que nunca imaginei tão grande.* (Cunha. *apud* TOCANTINS, 1992: 107).

Após realizarem os reconhecimentos necessários na região mais meridional das cabeceiras do rio Purus, as duas comissões regressaram para a região da *Forquilha*, no intuito de efetuar a continuidade dos trabalhos de exploração no prolongamento ocidental do rio Purus, ou seja, subir o rio Curiuja. Euclides, entretanto, não conseguiria subir o outro lado das cabeceiras do Purus devido a uma série de percalços como, por exemplo, o esgotamento cada vez mais acentuado das águas do Curiuja, onde os bancos de areia dominavam o leito em muitos pontos quase que de margem à margem; o esgotamento de seus homens; a falta de gêneros alimentícios; a má vontade da expedição peruana em continuar a subida desse rio.

⁷ Varadouro: “[...] larga picada aberta na selva para unir pontos entre bacias de diferentes rios [...]”. (TOCANTINS, 1992: 106).

Sendo que esse último fato teve implicações decisivas, pois Euclides ao descer o Purus, em uma localidade denominada *Maniche*, não muito distante da região da *Forquilha*, encontrou-se com o emissário que havia mandado para Manaus, com um carregamento contendo os gêneros alimentícios de que precisava para retroceder e continuar a marcha.

Os peruanos, no entanto, não quiseram voltar - ressentidos que estavam, de acordo com Tocantins, com os brasileiros por não terem sido eles os primeiros a atingirem as cabeceiras do Purus, quando da subida do ribeirão Pucani.

O retorno a Manaus não era o sonhado por Euclides da Cunha, porque as comissões deixaram um pequeno trecho cientificamente indevassável. Silvio Rabelo, o melhor biógrafo do autor de Os Sertões, assegura que muito o contrariou o fato de não ter podido explorar a outra nascente do Purus. E quem conhece as constantes de sua vida pública não estranhará o desassossego de espírito com que ele baixava o Purus [...].

As recordações desses longos e angustiantes dias no Purus perdurariam no espírito de Euclides. E a visão que sempre vinha por primeiro era a humana – não podia deixar de ser a humana – tal o contraste entre a situação de quase bem-estar dos peruanos e a de penúria dos brasileiros. (TOCANTINS, 1992: 108-117).

Essas representações históricas realizadas por Tocantins em relação ao Euclides amazônico podem demonstrar que a descrição épico-romântica da trajetória de Euclides na Amazônia, em *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, mantém íntimas relações com o imaginário do Tocantins adolescente, que apaixonado pela escrita do autor de *Os Sertões* não mais deixou de concebê-lo como também um poeta das paisagens amazônicas. Daí a necessidade constante de Tocantins estabelecer uma cumplicidade com a escrita e com o homem Euclides, como forma de moldar as ações deste à frente da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, entre os anos de 1904 e 1905, dentro do que entendeu ser uma heróica experiência na Amazônia.

Referências bibliográficas

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006, p. 223-232.

HANSEN, João Adolfo. “Autor”. In: JOBIM, José Luís. (Org.). **Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 11-43.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PINTO, Ernesto Renan Freitas; RODRIGUES, Renan Albuquerque. Considerações sobre a produção de Leandro Tocantins a partir de estudos linguísticos baseados na obra Tempo e Narrativa, Paul Ricoeur. **RELEM** - Revista eletrônica mutações. Manaus, UFAM, vol. 1, n. 1, p. 1-11, 2010.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 1992.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994.

WHITE, Hayden. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.